

UM ENGENHEIRO SUECO EM CAMPINAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Duflio BATTISTONI FILHO

Situada na península escandinava, na sua parte oriental, a Suécia, este belo país no norte da Europa, tem uma área de 449.793 km² e uma população de 8.292.000 habitantes. Sua riqueza econômica consiste principalmente nos minérios de ferro e nos imensos bosques que fornecem as madeiras de lei, tornando o país um dos maiores exportadores de madeira do mundo.

Pois bem, foi este país nórdico que forneceu ao Brasil uma plêiade de homens notáveis que aqui vieram como imigrantes e puderam colaborar no desenvolvimento do país, pois muitos deles eram engenheiros, cientistas, médicos, arquitetos, escultores, professores para citar algumas profissões.

Campinas teve a honra de receber alguns desses imigrantes suecos como André Ulson que permaneceu pouco tempo na cidade, pois mudaria depois para Araras; Gustavo Enge, célebre professor de Geografia do Colégio Culto à Ciência e o engenheiro Pedro Anderson. Vamos nestas rápidas notas, tecer algumas considerações sobre a presença deste último na cidade.¹

Seu nome verdadeiro era Peter Abraham Anderson. Nasceu em 1840, filho de um cônsul sueco na Inglaterra. Apesar de a família ter-se dado bem em terras inglesas, teve a necessidade de imigrar para os Estados Unidos em busca de novas oportunidades. Em Minnesota, o jovem Pedro se graduaria mais tarde como engenheiro-químico.

Por ocasião da guerra civil americana em 1861 simpatizou com a causa sulista. Porém, com a derrota muitos americanos sulistas

(1) Todas as informações colhidas a respeito de Pedro Anderson estão no livro editado em 1952, "Suecos no Brasil" de João Gualberto de Oliveira.

inconformados com a situação, abandonaram a pátria e vieram para a América do Sul. Os que procuraram o Brasil foram se estabelecer principalmente na região de Americana, Estado de São Paulo, onde puderam organizar um núcleo próspero e atuante.

O mesmo aconteceu com o jovem Pedro que, percebendo uma situação desconfortável em solo americano, resolveu vir para o Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, trabalhou na montagem de máquinas agrícolas, especialmente para beneficiar café, em firmas especializadas, num momento em que o café reinava soberano na economia brasileira. Apesar de gostar do Rio, queixava-se muito do calor, excessivo para um sueco e por isto, atendendo a um convite de amigos e correligionários americanos resolveu fixar residência em Campinas.

Aqui chegado em 1870 fundou a firma Anderson, Souto Mayor & Cia que funcionou inicialmente na rua José de Alencar, 49. Essa Empresa dedicava-se à fundição de ferro, reparos em máquinas e oficinas de carpintaria. Cresceu de tal forma que chegou a ter veleiros de regular calado para importar madeira da Suécia.

Nove anos mais tarde casou-se com Esmeralda Ambrozina Fragoso de tradicional família campineira e dela teve seis filhos: Maria, Alberto, Pedro Anderson Filho, que mais tarde seria comerciante e vereador da Câmara Municipal, Ana, Emília Adelaide e Miguel Arnaldo.

Homem inquieto e empreendedor, a par de suas atividades comerciais, resolveu se dedicar à agricultura. Para tanto, compra em 1890 a fazenda São Luís nas proximidades de Americana, por vinte contos de réis, onde passa a desenvolver as culturas da cana de açúcar e a do café. Dotado de nobre coração e espírito humanitário, acolhia em seu estabelecimento os necessitados da vida dando-lhes roupas e mantimentos. Era comum os pobres fazerem filas à porta de sua casa comercial portando vasilhas para receberem feijão, fubá ou arroz.

Colaborou com altas somas em dinheiro nas obras de construção da Catedral de Campinas que viria a ser inaugurada em 1883 com sua bela arquitetura e talha riquíssima, motivo de orgulho de todos os campineiros.²

Vivendo em plena época da escravidão e sendo fazendeiro, era natural que Pedro iria recorrer ao braço escravo. Entretanto, tratava os escravos muito bem, dando a eles toda a liberdade possível e sempre lhes

(2) É preciso assinalar que o sueco Ferdinando Frick foi o autor do monumento a D. João Nery, primeiro bispo de Campinas, erigido em 1924 em frente à Catedral.

dizia que eram homens iguais a outros, senhores, portanto, de seu destino. Depois de trabalhar algum tempo ao seu serviço, para indenizá-lo em parte, dos gastos com a compra, muitos destes escravos eram alforriados. Contudo, graças à sua imensa generosidade, muitos permaneciam como trabalhadores livres na fazenda, mesmo após a abolição.

Campinas, ao final do século passado, foi vítima da febre amarela que ceifou muitas vidas dos lares campineiros. Pedro, sendo homem prático e curioso estava convencido de que uma das causas da epidemia era a péssima condição sanitária da cidade, sobretudo a água contaminada. Imediatamente mandou construir, por sua conta, um poço artesian, por sinal, um dos primeiros do país. Tanto é verdade que o imperador D. Pedro II, entusiasmado com tal iniciativa, aprovou que lhe desse o nome de “Água Imperial”. Esta água era distribuída desde as primeiras horas da madrugada. Seu dono, pessoalmente, acionava a bomba manual que supria as necessidades de sua família e as de outras.

Em 1893 retorna aos Estados Unidos para conhecer de perto as últimas novidades no setor de máquinas agrícolas e lá permaneceu durante três anos a ponto de ali instalar uma serraria na Carolina do Norte. Também neste estado americano seus filhos estudaram.

Pedro amealhou uma imensa fortuna à custa de muito esforço e dedicação. Foi um trabalhador incansável e exemplo para muitos. Madrugador, lá estava ele bem cedo inspecionando suas oficinas e a sua fazenda, não deixando faltar nada. À noite debruçava sobre a mesa contabilizando as transações do dia.

A 3 de agosto de 1903 foi encontrado morto junto ao seu livro de assentos. A notícia correu depressa pelos quatro cantos da cidade. A população mostrou-se desolada com a perda daquele sueco que muito fizera pela comunidade campineira. Como reconhecimento de seus serviços prestados à cidade, em 1935, o prefeito José Pires Neto, pelo ato n° 74 resolveu dar o seu nome a uma das vias de Campinas.